

Nosso pedido aos EUA: negociação direta.

O pedido foi apresentado pelos países do Grupo de Cartagena — que inclui o Brasil — ao secretário de Estado George Shultz, ontem em Brasília.

Uma negociação direta entre os países devedores da América Latina e os governos dos países credores. Foi essa a reivindicação que os 11 países devedores que formam o Grupo de Cartagena fizeram ontem ao chanceler George Shultz, dos Estados Unidos, país onde estão situados os maiores credores da região.

O Grupo de Cartagena, durante reunião informal no Itamaraty, confirmou para a primeira semana de fevereiro próximo, em San Domingos, República Dominicana, a reunião durante a qual vai detalhar as propostas que levará aos países industrializados.

Os devedores também rejeitaram ontem proposta para que o Grupo de Cartagena fosse desfeito, tornando-se a Organização dos Estados Americanos

(OEA) o foro apropriado para a discussão dos débitos da região. "Por ora, o Grupo de Cartagena prefere ficar reunido, por causa da coesão e fluidez do diálogo", explicou o embaixador brasileiro Paulo de Tarso.

Comunicação

Hoje, o Grupo de Cartagena divulgará uma comunicação à imprensa, relatando o resultado dos contatos entre os representantes dos 11 países — Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Peru, República Dominicana, México, Colômbia, Equador, Uruguai e Venezuela.

Na reunião de ontem, no Itamaraty, cada chanceler relatou as conversas mantidas com representantes de governos dos países industrializados. Bernar-

do Sepúlveda, do México, por exemplo, relatou o que ouviu de ministros da Europa ocidental. O representante da República Dominicana relatou a conversa com o papa, e o chanceler brasileiro Saraiva Guerreiro também comentou uma recente conversa com George Shultz a respeito do débito dos países latino-americanos.

Reafirmaram os devedores, com ênfase, a convicção de que o diálogo político permitirá modificações na ordem econômica mundial. Para eles, a proposta dos países industrializados para que se debata o problema da dívida nos comitês interino e de desenvolvimento do FMI é necessária, mas insuficiente. Todos insistem na necessidade de reunião

com os países credores para uma negociação direta.

Para o chanceler mexicano, já houve progressos nas negociações dos países devedores da América Latina com a comunidade financeira internacional. E o embaixador brasileiro, Roberto Abdunur, principal assessor diplomático na área econômica, foi incisivo: "É evidente que as condições favoráveis que se nota hoje não ocorrem apenas por forças de mercado, mas sobretudo pela pressão que fizemos desde a reunião de Cartagena e depois em Mar Del Plata".

Os devedores já têm um cronograma de trabalho para o ano que vem: em fevereiro, de 4 a 8, a reunião em San Domingos, para detalhar as propostas

aos países industrializados, em que etapas, condições, etc. Em abril, durante a reunião do comitê interino e de desenvolvimento do FMI, em Paris, essas propostas serão enfatizadas. E se aguardará, então, a reunião dos países industrializados, em junho, também na Europa.

Esvazamento

A Organização dos Estados Americanos (OEA) vinha insistindo para que o problema do endividamento da América Latina fosse discutido em seu âmbito, e não em foro paralelo, no caso o Grupo de Cartagena. Para a OEA, essa é uma das razões do esvaziamento da organização. E assim vai continuar, porque os devedores, ontem, foram enfáticos: o diálogo está fluindo, e se a discussão concentrar-

se na OEA poderá perder, certamente, a agilidade.

De qualquer modo, o débito da América Latina e suas graves consequências sociais e políticas será tema da assembléia geral da OEA, que terá início hoje em Brasília, prosseguindo até sexta-feira (veja matéria na página 6). "A Carta de Brasília" deverá enfatizar a proposta para que credores sentem-se à mesa com os devedores e discutam politicamente o problema da dívida.

Ontem, no entanto, fonte norte-americana insistia: o melhor que os EUA podem fazer, para ajudar os devedores, é não se meter nas negociações. E só. Aos devedores, resta continuar "chateando" conforme expressão de um embaixador latino-americano.